

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
A SOCIOLINGUÍSTICA EM SALA DE AULA:
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO⁷

Gilvan Mateus Soares (UFMG)
gilvanso@uol.com.br

RESUMO

O processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa objetiva desenvolver e ampliar as competências comunicativas do aluno, de forma a considerar, na prática educativa, a realidade social, cultural, política, histórica e linguística em que se insere. Diante disso, este trabalho apresenta proposta de intervenção resultante da pesquisa “A Variação Linguística e o Ensino de Língua Portuguesa: Crenças e Atitudes”, realizada em duas turmas do ensino fundamental II de escola da rede pública de Barão de Cocais – Minas Gerais. Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística educacional, da pesquisa etnográfica e da pesquisa intervenção, buscou-se apreender a imagem que os alunos possuíam sobre a língua portuguesa, mais especificamente com relação aos usos diferentes das variedades prestigiadas e, observadas percepções negativas, foram delineadas ações e estratégias para que a variação linguística se tornasse componente curricular e, conseqüentemente, fosse esclarecido o preconceito linguístico. Foi proposta, para tanto, uma sequência de atividades estruturada em 10 módulos e em 3 exercícios de verificação da aprendizagem, de modo que a variação linguística pudesse ser abordada em diferentes estratégias, revisitando e sistematizando conceitos e conteúdos, num processo contínuo de construção do conhecimento. Percebeu-se, então, o desenvolvimento de imagens positivas sobre as variedades da língua e sobre a própria identidade de falantes, desmitificando crenças negativas e preconceitos. Espera-se, com a pesquisa, ter contribuído com os trabalhos que versam sobre a abordagem, em sala de aula, da variação linguística, potencializando o uso da linguagem de acordo com as mais diversas situações de uso e elevando a autoestima do aluno como usuário competente da língua.

Palavras-chave: Variação. Preconceito linguístico. Atividades.

1. Introdução

A abordagem da língua portuguesa pela escola, para ser significativa ao aluno, precisa, nas diversas atividades de uso social da linguagem, considerar as demandas do seu público-alvo, a fim de que não ocorra uma prática descontextualizada que resulte em pouca ou nenhuma aprendizagem. Em nossa atuação como professor em escola da rede pú-

⁷ Este trabalho apresenta dados da pesquisa “A variação linguística e o ensino de língua portuguesa: crenças e atitudes”, desenvolvida sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Socorro Vieira Coelho (Unimontes) e sob o financiamento da CAPES, à época do Mestrado Profissional em Letras na Universidade Estadual de Montes Claros.

blica de Barão de Cocais – MG, percebíamos imagens negativas de alunos com relação à própria variedade linguística por meio da qual tão bem se comunicavam.

Esse fato nos levou a avaliar a prática em sala de aula e a delinear o perfil do alunado, por meio de pesquisa-intervenção durante mestrado realizado na Universidade Estadual de Montes Claros – MG, entre 2013 e 2014. Tornou-se, assim, essencial compreender “a verdade linguística das variedades” para que se pudesse contribuir para a desconstrução de imagens negativas dos alunos e, conseqüentemente, desenvolver comportamentos mais adequados em relação à realidade linguística e suas diferenças.

Com base nisso, a partir da constatação de que os alunos tinham percepção negativa diante da variedade que usavam, elaboramos e desenvolvemos uma sequência de atividades, tendo por base os três contínuos (rural-urbano, oralidade-letramento e monitoração estilística) propostos por Stella Maris Bortoni-Ricardo (2005) para a abordagem da variação linguística em sala de aula, o que é foco deste trabalho.

Primeiramente, discutimos os fundamentos que nortearam a elaboração dessa proposta, em seguida detalhamos o universo da pesquisa e os procedimentos para levantamento de dados, para, finalmente, discorrermos sobre as atividades de intervenção e apresentarmos as nossas considerações finais.

2. Fundamentação teórica

O processo de ensino e aprendizagem do português pressupõe que se ensine ao aluno as propriedades e usos da língua e os comportamentos da sociedade diante dos usos linguísticos nas mais diversas situações da vida (CAGLIARI, 2005). Para tanto, compreendemos a linguagem como

atividade interativa, entre dois ou mais interlocutores, que se realiza sob a forma de textos orais ou escritos, veiculados em diferentes suportes, com diferentes propósitos comunicativos, e em conformidade com fatores socioculturais e contextuais. (ANTUNES, 2007, p. 146)

Dessa forma, a linguagem é o lugar da interação comunicativa em que são produzidos efeitos de sentidos pelos interlocutores, em uma situação de comunicação, em um contexto sócio-histórico e ideológico (TRAVAGLIA, 2009). Assim, nos interagimos na e pela linguagem, realizando uma atividade discursiva, o que significa que

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução. Isso significa que as escolhas feitas na produção de um discurso não são aleatórias, mas decorrentes das condições em que o discurso é realizado. (BRASIL, 1998, p. 20-21)

Essa concepção nos aponta para um trabalho, em sala de aula, que considere a dimensão social, discursiva e funcional da linguagem, percebendo que a língua não é um objeto homogêneo, mas um conjunto de variedades, que não são deturpações nem corrupções (FARACO, 2008). Nesse sentido, torna-se fundamental compreender as relações complexas que se estabelecem entre essas variedades, analisando, crítica e contextualmente, os usos da língua considerados mais prestigiados ou mais estigmatizados⁸.

Para tanto, empreendemos esforços no entendimento de que a prática pedagógica pode ser melhorada, e muito, com contribuições da sociolinguística educacional, disciplina que

tem se debruçado sobre vários fenômenos da variação linguística, que ocorre no português brasileiro, vendo suas implicações no processo ensino e aprendizagem da linguagem, sobretudo, em relação ao ensino da língua portuguesa no ensino fundamental. [...] o estudo e o conhecimento advindo dessa corrente pode contribuir para melhorar a qualidade do ensino da língua portuguesa porque trabalha sobre a realidade linguística dos usuários dessa língua, levando em conta além dos fatores internos à língua (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica) também os fatores de ordem externa à língua (sexo, etnia, faixa etária, origem geográfica, situação econômica, escolaridade, história, cultura, entre outros). (BORTONI-RICARDO, 1999, s. p.)

Para assim proceder, é preciso se basear no pressuposto de que a língua sempre varia (seja, por exemplo, devido aos grupos etários, grau de escolarização dos falantes, às redes sociais ou aos fatores linguístico-estruturais). Portanto, é fundamental uma abordagem do fenômeno da variação, conforme Stella Maris Bortoni-Ricardo (2005), que se oriente por refletir, identificar, conscientizar, respeitar e aceitar as diferenças que há nos usos linguísticos, considerando, nesse sentido, três contínuos: rural-urbano, oralidade-letramento e monitoração estilística.

⁸ A terminologia utilizada para caracterizar ou classificar o conjunto de variedades tem sido diversa, como, exemplo, norma culta, de um lado, e norma popular, de outro. Preferimos, aqui, utilizar as expressões “variedades prestigiadas” e “variedades estigmatizadas” (BAGNO, 2003), por entendermos que não só expressam a variação que marca o português do Brasil, mas, sobretudo, pela evocação à reflexão para as relações de poder, os jogos ideológicos e os contextos de uso que se envolvem nessa variação.

As variedades ao longo do primeiro contínuo podem ser representadas pelos falares rurais mais isolados, passando pelos grupos rurbanos, como as comunidades mais interioranas em distritos ou núcleos semirurbanos que são influenciadas pelo urbano (pela mídia, por exemplo), até as variedades urbanas que sofreram processo maior de padronização.

O contínuo da oralidade-letramento inclui desde os eventos orais sem influência direta da escrita até os eventos que se realizam sob a mediação da escrita, muito embora não haja delimitação rígida entre eles, sendo as fronteiras fluidas e podendo haver sobreposições.

O terceiro contínuo abarca os usos mais espontâneos da língua até os que são mais planejados e que requerem mais atenção do falante, estabelecendo, assim, usos menos monitorados ou mais informais até os mais formais ou mais monitorados.

A escola, diante disso, precisa propor atividades linguísticas que possam instrumentalizar os alunos a usarem a linguagem de acordo com a situação de comunicação, de forma a garantir-lhes participação social de forma crítica e transformadora, pressupondo, então,

uma escola consciente de seu papel na luta contra desigualdades sociais e econômicas e, que, por isso, assume a função de proporcionar às camadas populares, através de um ensino eficiente, os instrumentos que lhes permitam conquistar mais amplas condições de participação cultural e política e de reivindicação social. (SOARES, 2001, p. 73)

O papel da escola, dessa forma, é abordar as múltiplas e complexas relações que se estabelecem entre as variedades da língua, é abordar os usos da linguagem e sua adequação ao contexto de interação, ao gênero discursivo, ao objetivo comunicativo, ao interlocutor, é discutir as ideologias, explícitas ou implícitas, os jogos de poder que se materializam por meio da linguagem.

Nesse processo,

não se trata de substituir uma variedade por outra (porque uma é mais rica do que a outra, porque uma é certa e outra errada etc.), mas se trata de construir possibilidades de novas interações dos alunos (entre si, com o professor, com a herança cultural), e é nestes processos interlocutivos que o aluno vai internalizando novos recursos expressivos, e por isso mesmo novas categorias de compreensão do mundo. Trata-se, portanto, de explorar semelhanças e diferenças, num diálogo constante e não preconceituoso entre visões do mundo e modos de expressá-los. (GERALDI, 1996, p. 69, *apud* BAGNO, 2007, p. 225).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Trabalhar, pois, a linguagem na escola aponta para a necessidade de se considerar os diferentes processos de interação por meio da língua, sejam orais, sejam escritos, que ocorrem tanto na sala de aula quanto socialmente, analisando a situação de comunicação, os recursos linguísticos, suas diferenças de uso e seus efeitos de sentido. Não se trata, portanto, de se trabalhar única e exclusivamente a norma-padrão ou, mesmo ainda, uma variedade, de fato, que seja considerada padrão, mas, sim, contemplar diversas atividades e textos que abarquem a variação linguística, descortinando crenças e preconceitos.

A partir desse pressuposto é que desenvolvemos pesquisa em sala de aula, cujo contexto de desenvolvimento apresentamos a seguir.

3. *Universo da pesquisa*

A pesquisa, de natureza interventiva, foi realizada em uma turma de 6º ano e uma de 8º Ano em uma escola de ensino fundamental II da rede pública de Barão de Cocais – Minas Gerais. Participaram da fase de levantamento de dados 42 alunos, dos quais 23 do 6º Ano e 19 do 8º Ano, na faixa etária de 11 a 17 anos, conforme gráfico seguinte:

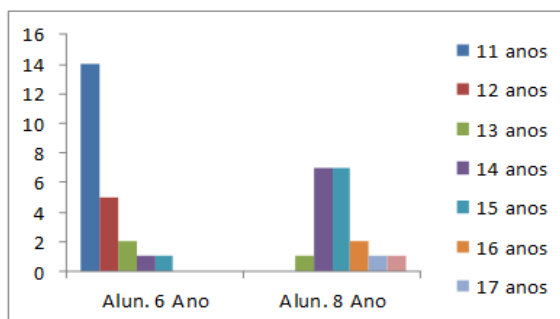


Gráfico 1 – Faixa Etária dos Alunos

Com base nesses dados, podemos perceber que a maior parte dos alunos do 6º ano se encontrava na faixa etária correspondente ao ano escolar ou estava cursando esse nível pela primeira vez, enquanto que a minoria do 8º ano (apenas um aluno) estava em idade esperada para esse nível, indicando alto índice de distor-

ção idade-ano escolar, conforme podemos visualizar de forma mais explícita nos gráficos 2 e 3:

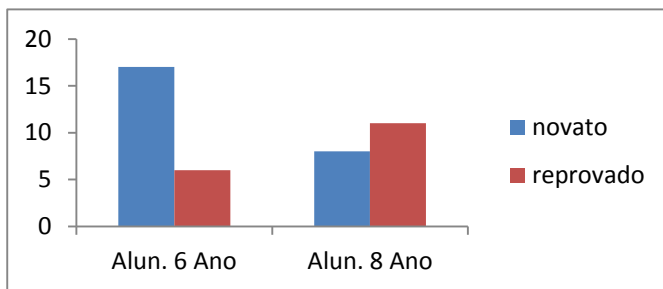


Gráfico 2 – Situação dos Alunos nas Turmas

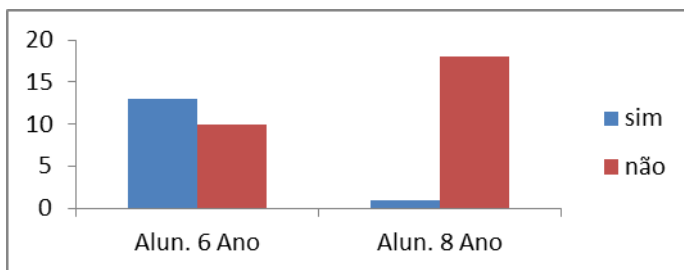


Gráfico 3 – Distorção Idade-Ano Escolar

De acordo com os dados obtidos, no 8º Ano tínhamos o maior índice de alunos repetentes e de distorção, fator esse que poderia ter influenciado na baixa autoestima, inclusive nas percepções negativas sobre a língua, conforme descreveremos mais à frente.

A maior parte dos alunos residia no ambiente urbano:

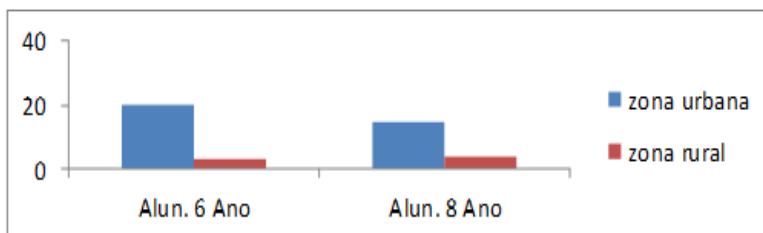


Gráfico 4 – Origem do Informante

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Na fase de aplicação da intervenção, o número de alunos participantes, devido à transferência ou à desistência de alunos, foi de 21 alunos do 6º ano e de 18 no primeiro módulo e 16 a partir do segundo módulo para o 8º ano.

4. *Percepções sobre a língua*

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística educacional, foram aplicados questionários e atividades de percepção linguística aos alunos, com o objetivo de apreender a imagem dos alunos sobre a própria língua que usam. Constatamos a seguintes imagens dos alunos:

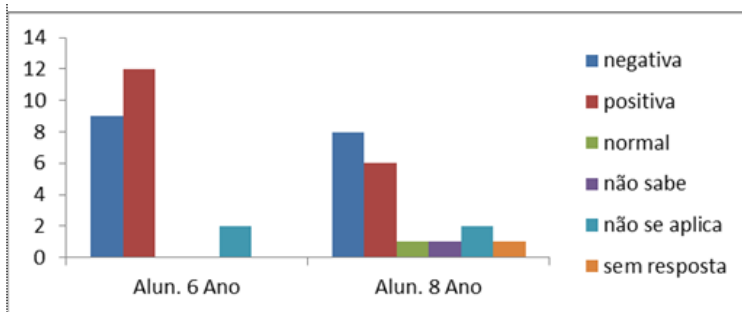


Gráfico 5 – Imagens sobre a Língua

Os dados apontaram que 40,5% dos 42 alunos têm imagem negativa sobre a variedade da língua que usam. Podemos citar, como exemplo dessa imagem negativa, os seguintes depoimentos dos alunos:

- “eu sou igual aos meus pais; às vezes falo errado; eu é porque falo errado mesmo, eu pucheí a minha família eles também fala errado” (informante 6A7);
- “não ter [tem] muitas regras” (informante 6A15);
- “mais ou menos, porque eu escrevo muito errado” (informante 6A14);
- “erro muito” (informante 6A9);
- “muito mau, falo muito coisa errada” (informante 8A13);
- “não gosto” (informante 8A5);

- g) “às vezes, pecimo” (informante 8A1);
- h) “mais ou menos, porque tem vezes que falo errado” (informante 8A8).

Com base nessas percepções, observamos, mesmo com os avanços das discussões da linguística, ou mais precisamente da sociolinguística, a presença muito forte da tão criticada cultura do “erro”, baseada na dicotomia do “certo x errado”, que impõe ao próprio falante sua incompetência linguística, quando, por outro lado, usa tão bem e com muita competência a língua, sem, no entanto, ter consciência desse aspecto.

Tornou-se, assim, fundamental desenvolver uma proposta de intervenção que pudesse tratar da variação linguística, discutindo os usos da linguagem de acordo com a situação de comunicação, o gênero discursivo, o interlocutor, e desmitificando crenças e preconceitos linguísticos, por meio da conscientização do falante sobre sua competência em usar a língua, elevando, conseqüentemente, a sua autoestima linguística e pessoal. Essa proposta de intervenção será detalhada no tópico seguinte.

5. Proposta de intervenção

A sequência de atividades que elaboramos e aplicamos se baseou na sociolinguística educacional, por meio do tratamento da variação que se pautasse por refletir, identificar e conscientizar sobre as diferenças que caracterizam os usos linguísticos (BORTONI-RICARDO, 2005). Para tanto, seguimos, conforme a autora, a abordagem dos três contínuos: o rural-urbano, de oralidade-letramento e monitoração estilística.

Procuramos, então, nos basear em alguns pressupostos: 1) da reflexão para a ação: os alunos, primeiramente, são estimulados a compartilhar seus conhecimentos prévios sobre os tópicos em discussão, para, em seguida, realizarem determinada atividade; 2) do global para o local: a partir de conteúdos mais gerais, os alunos são incentivados a contextualizarem esses conteúdos focalizando a sua própria realidade linguístico-social; 3) do discurso para usos específicos: as atividades são sempre contextualizadas a partir de determinado gênero; 4) do mais frequente para o menos frequente: os usos linguísticos mais prováveis, e especialmente relacionados à realidade dos alunos, são abordados primeiramente, para, em seguida, se discutir usos menos prováveis, e muitas vezes distantes do contexto do aluno, mas que precisam ser tematizados.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Além disso, nos baseamos em Marcos Bagno (2007), quando o autor discute o que envolve as noções de norma-padrão, variedades prestigiadas e estigmatizadas e os traços graduais e descontínuos.

Assim, desenvolvemos uma proposta de intervenção constituída em uma sequência de atividades estruturada em 10 módulos e 3 exercícios de verificação de aprendizagem, sob a temática “Barão de Cocais: da variação linguística à valorização do cocaiense”, justamente para, ao se trabalhar a variedade dos usos da língua, descortinar crenças e preconceitos e se elevar a autoestima do aluno como falante competente da língua.

Esses módulos foram estruturados sob uma perspectiva em espiral, de forma que o assunto de um módulo estivesse vinculado ao conteúdo do módulo seguinte, em um processo que se pautasse por uma graduação de conceitos, partindo-se do conceito de patrimônio, depois para o de língua/linguagem, em seguida a variação linguística e, finalmente, de forma mais específica, os três contínuos, formando uma rede de significados (BRASIL, 1998).

Descrevemos, resumidamente, cada módulo:

- 1) “Nas sendas do patrimônio”: objetivou trabalhar a educação patrimonial, abordando os patrimônios do município de Barão de Cocais e a sua valorização, incluindo-se a língua;
- 2) “A língua como patrimônio”: intencionou compreender o conceito de língua/linguagem, mostrar a importância do estudo da língua portuguesa, perceber a língua como fator de identidade e se abordar o processo de mudança e variação linguística, por meio da análise de um depoimento do escritor português José Saramago⁹, de um poema de Fernando Pessoa¹⁰ e do texto *Tratado da Terra do Brasil*, de Pero de Magalhães¹¹;
- 3) “A língua e a história de Barão de Cocais”: procurou abordar a rica história do município e analisar os usos linguísticos em documentos de diferentes momentos dessa história, por meio da análise do texto “História de Barão de Cocais” e de diferentes textos pesquisados pelos alunos ou levados pelo professor;

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Oe9sxV_DVGg>. Acesso em: 29-05-2014.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=NtMbw5etFzs>>. Acesso em: 29-05-2014.

¹¹ Disponível em: <<http://www.psb40.org.br/bib/b146.pdf>>. Acesso em: 25-05-2014.

- 4) “Os olhares... sobre Barão, sobre si, sobre a língua”: almejou aprofundar a linda história do município, levar o aluno a se reconhecer como participante desse processo histórico, verificar as percepções dos alunos sobre a língua e combater o preconceito linguístico, por meio da análise do hino do município, da realização de uma percepção ambiental (em que os alunos saíram registrando paisagens do ambiente para confrontar o passado e o presente e as ações humanas no meio ambiente) e, finalmente, da análise do modo como usam a língua;
- 5) “O modo como eu falo é errado? Eu sou um erro?”: teve como propósito analisar as percepções dos alunos sobre o modo como usam a língua, analisar valores relacionados aos usos linguísticos, conscientizar os alunos sobre as avaliações que perpassam a variação linguística, para, assim, descortinar crenças e imagens negativas sobre a língua, combatendo o preconceito linguístico, por meio, então, da análise das percepções dos alunos sobre o modo como falam, da exibição dos vídeos “Preconceito Linguístico”¹² e “Vai fazer o quê?”¹³ e discussão do termo “preconceito”;
- 6) “Sou da roça! E daí? O outro já mora na cidade!?! Mas todos somos cocaienses!!!: abordou o contínuo do rural e do urbano, tendo como meta a desconstrução de imagens negativas sobretudo pelos alunos que moravam na zona rural e que, por isso, se achavam “piores”, para, dessa forma, valorizar a diversidade das manifestações linguísticas como rico patrimônio cultural e como marca da identidade de um povo, por meio da discussão sobre o que é preconceito linguístico, da exibição de três entrevistas com um senhor de 60 anos, uma senhora de 74 anos e um senhor de 90 anos, para se analisar a variedade utilizada pelos entrevistados, focalizando traços graduais (alçamento da pré-tônica: iscola, istudo; monotongação e terminação do gerúndio: incaxanu; apagamento do /r/ em final de palavra: pra gente istudá) e descontínuos (uso de formas arcaizantes: luito; deslateralização de /ʎ/: mio, travaio, paia; pronúncia [di] e [ti] sem palatalização; concordância não-normativa: os nomi du lugar; várias coisa antiga);

¹² Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=bakKmUjbVs>>. Acesso em: 30-05-2014.

¹³ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ITQoQQ3q2mk>>. Acesso em: 25-05-2014.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

- 7) “A língua que falamos e a língua que escrevemos”: analisou o contínuo da oralidade-letramento, destacando diferenças e semelhanças entre a fala e a escrita, a adequação da linguagem à situação de comunicação, a desmitificação de que a fala seja errada e a escrita seja a única forma correta de se usar a língua e o combate ao preconceito linguístico, por meio da análise do que seja adequação linguística, da discussão sobre os contextos de uso que se marcam ou mais pela oralidade ou mais pela mediação da escrita, do entendimento dos níveis em que pode ocorrer variação em uma língua e dos fatores (como, por exemplo, faixa etária, região, grau de escolaridade, situação socioeconômica) que podem influenciar nessa variação, e, finalmente, da leitura e análise de textos levados pelos alunos ou pelo professor;
- 8) “Nóis vai? Nós vamos? E aí?”: pretendeu abordar o contínuo da monitoração estilística, considerando usos mais formais e mais informais de acordo com a situação de comunicação, por meio da análise de diferentes textos, falados e escritos, registrados pelos alunos ou trazidos pelo professor;
- 9) “O texto literário e a língua”: visou compreender a singularidade discursiva, linguística e cultural do texto literário, a partir da análise de “O poeta da roça”¹⁴ de Patativa do Assaré, por meio do qual, para além da análise linguístico-discursiva, procuramos analisar e desmitificar os preconceitos sociais (e também linguísticos) contra aqueles que são do ambiente rural;
- 10) “Fim de um começo: as variedades da língua e a escola”: mirou sistematizar as discussões sobre a variação linguística, sob a forma dos três contínuos, destacar a importância da adequação da linguagem à situação de comunicação, combater o preconceito linguístico, enfatizar a competência dos alunos como faltantes da língua, elevando sua autoestima linguística e pessoal, e, finalmente, mostrar a importância da escola.

Como instrumento para verificar o alcance das discussões e abordagens propostas e a percepção dos alunos sobre a estruturação das atividades, ao final de cada módulo eles deveriam responder a uma pequena ficha avaliativa, contendo três perguntas:

- 1) O que pôde aprender?

¹⁴ Disponível: <http://www.fisica.ufpb.br/~romero/port/ga_pa.htm#Ovaq>. Acesso em: 25-05-2014.

2) O que achou do módulo proposto?

() Excelente

() Bom

() Razoável

() Péssimo

3) Gostaria de dar opinião, sugestão?

Além disso, foram aplicados durante e após a sequência de atividades três exercícios de verificação de aprendizagem:

1) Análise do vídeo “Chico Bento no Shopping”¹⁵, em que os alunos deveriam responder a questões sobre o modo de falar do personagem, problematizar a ação do primo do Chico de chamado de “bicho do mato” e demonstrar a atitude (linguística) que teriam diante de uma situação como essa;

2) Leitura do trecho da Bíblia referente ao Livro de Juízes (12: 4-6)¹⁶, em que os alunos deveriam analisar como a pronúncia da palavra “chibolete” (espiga) como “sibolete” foi determinante para a morte de um povo, fato sobre o qual deveriam expressar sua opinião, procurando, então, conscientizar sobre a avaliação que acompanha a variação linguística, desmitificar crenças, combater o preconceito linguístico e social e valorizar as diferenças linguísticas e socioculturais;

3) Exibição e análise do vídeo “Preconceito Linguístico”¹⁷, em que procuramos abordar os contínuos do rural e do urbano e da oralidade e do letramento, desmitificando crenças negativas sobre os falares mais rurais e esclarecendo sobre o mito de que a fala seja errada e de que pode ser de “qualquer jeito”.

Essa foi, então, a nossa proposta de intervenção, estruturada em 10 módulos e em 3 exercícios de verificação de aprendizagem, desenvolvida entre agosto e setembro de 2014. Posto disso, apresentamos nossas conclusões.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ntXCiB0Ehfk>>. Acesso em: 06-09-2014.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/jz/12>>. Acesso em: 14-09-2014

¹⁷ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=bakKrmUjbVs>>. Acesso em: 30-05-2014.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

6. *Considerações finais*

Diante de percepções negativas de alunos do ensino fundamental II de escola da rede pública de Barão de Cocais – MG sobre o próprio modo como usavam a língua portuguesa, percebemos a necessidade de desenvolver intervenção para uma abordagem mais científica do fenômeno da variação linguística, pautando-nos, para tanto, pelos pressupostos da sociolinguística educacional.

Procuramos, assim, abordar, a partir dos três contínuos propostos por Stella Maris Bortoni-Ricardo (2005), a variação linguística em sala de aula, objetivando elevar a autoestima pessoal e linguística dos alunos, combater o preconceito linguístico e social, localizar os usos linguísticos e destacar a importância da adequação da linguagem à situação de comunicação, ampliando a competência linguística e comunicativa dos alunos e desmitificando imagens negativas contra quaisquer usos linguísticos.

Para tanto, elaboramos uma sequência de atividades com o objetivo de trabalhar a variação linguística, desmitificando preconceitos contra os usos dissonantes das variedades prestigiadas, referentes, sobretudo, aos falantes menos escolarizados e de origem rural.

Esperamos, com as atividades desenvolvidas, ter discutido adequadamente a variedade linguística e seus usos, procurando elevar a autoestima dos alunos, mostrando-lhes que são usuários competentes da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática*: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta*: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna*: a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. *Contribuições da sociolinguística educacional para o processo ensino e aprendizagem da linguagem*. 1999. Disponível em:
<http://www.stellabortoni.com.br/index.php?option=com_content&view

[=article&id=707:iotaibuic%C3%95is_ia_soiolioguistia_iiuiaiioal_pa_aa_o_paoisso_iosioo_i_apaiioizagim_ia_lioguagim&catid=1:post-artigos&Itemid=61>](#). Acesso em: 21-11-2013.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa – 3º e 4º ciclos*. Brasília: MEC, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Linguagem e interação*. São Paulo: Scipione, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2001.

SOARES, Gilvan Mateus. *A variação linguística e o ensino de língua portuguesa: crenças e atitudes*. 2014. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). – Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2014.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.